
Uma análise crítica das leituras naturalistas de Nietzsche: a vontade de poder como chave para o “naturalismo” nietzschiano

A Critical Analysis of Nietzsche’s Naturalistic Readings: Will-To-Power as key for Nietzsche’s naturalism

Leonardo Camacho de Oliveira¹

Resumo: O tema em foco nesta apresentação é a análise de leituras naturalistas de Nietzsche. Hoje contemplamos uma nova e crescente corrente de pensadores vinculados a uma tradição analítica e próxima das ciências naturais, que estão se voltando ao pensamento nietzschiano em busca de um novo ar para suas questões. Neste trabalho faremos uma análise crítica das leituras de Brian Leiter e Richard Schacht, as quais polarizam de forma interessante esse debate. Também proporemos uma posição quanto ao tema, defendendo que Nietzsche, ao invés de alinhar-se a um dos extremos do dualismo entre ciências do espírito e ciências da natureza, vai intentar superá-lo através de um novo registro interpretativo, a vontade de poder. **Palavras-Chave:** Nietzsche; Naturalismo; Vontade de Poder; Reduccionismo; Filosofia Contemporânea.

Abstract: The main theme of this presentation is the analysis of the naturalist interpretation of Nietzsche’s works. Today, we can see a growing and new tendency of philosophers, associated to an analytical tradition and close to the natural sciences, which is turning to Nietzsche’s thought in search of a new perspective to their issues. In this paper the interpretations made by Brian Leiter and Richard Schacht, which oppose each other in a very interesting way, will be critically analyzed. Also it will be proposed a position about this matter, defending that Nietzsche, instead of ally himself with one of the sides of this dualism (sciences of the spirit

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFPel. E-mail: leocamacho@globo.com.

and natural sciences), will try to overcome it through a new register of interpretation, the will to power.

Keywords: Nietzsche; Naturalism; Will to Power; Reductionism; Contemporary Philosophy.

Introdução

Vemos, atualmente, uma efervescência nos estudos que relacionam filosofia e ciência e uma valorização crescente de propostas naturalistas de filosofia. Os recentes avanços científicos no âmbito da biologia, por exemplo, estão servindo, cada vez mais, para embasar teorias filosóficas sobre a natureza humana e mesmo sobre a moral. Neste ambiente de debate ruidoso, o tema do naturalismo é central, embora não haja acordo nem mesmo quanto a uma definição do que seja naturalismo. Em meio a esse debate, o pensamento de Nietzsche vem suscitando um interesse crescente. Seja por sua renúncia à metafísica, ou pela presença de uma leitura da história natural da moral, o fato é que a filosofia nietzschiana ocupa posição de destaque neste contexto.

Não obstante, analisaremos duas leituras importantes de Nietzsche como pensador naturalista, a primeira de Richard Schacht e a segunda de Brian Leiter. Acreditamos que esses comentários possuem uma grande relevância para o trabalho, uma vez que apresentam duas visões antagônicas, que polarizam o debate nesta seara. Ao final de cada uma dessas leituras apresentaremos um breve posicionamento crítico, ressaltando os pontos, a nosso ver, problemáticos. Tendo feito isso, passaremos a uma análise crítica de tais leituras, utilizando-se, sobretudo, do interessante diagnóstico de Bernard Williams com relação a propostas naturalistas e suas dificuldades. Por fim, apresentaremos nosso posicionamento sobre o tema, defendendo que a principal contribuição de Nietzsche para o naturalismo reside justamente na superação da diferença qualitativa entre ciências do espírito e ciências naturais, através de um novo registro interpretativo, a vontade de poder.

A leitura de Richard Schacht

A primeira leitura naturalista de Nietzsche que abordaremos é de Richard Schacht, tendo como base seu artigo intitulado *O Naturalismo de Nietzsche*. Schacht inicia seu texto afirmando a necessidade de se precisar qual naturalismo está presente no pensamento nietzschiano.

O primeiro ponto nesse trajeto é a relação da filosofia de Nietzsche com as chamadas *Wissenschaften*². Embora ele estivesse atento à ciência de seu tempo e, por vezes, até utilizasse dados decorrentes dela, isto não nos autoriza, segundo Schacht, a afirmar que Nietzsche defendesse que as *Wissenschaften* fossem capazes de, por si só, construir uma versão completa do mundo. O filósofo alemão chega mesmo a ser crítico desta forma de pensar, pois ela aceita os dados da ciência como dogma. Com efeito, Schacht afirma o seguinte:

O naturalismo de Nietzsche é um tipo de naturalismo que respeita as *Wissenschaften* e se vale delas – incluindo sem sombra de dúvida as ciências da natureza –, mas que não se identifica com elas, não deposita nelas todas as suas esperanças, e nem tampouco extrai delas todas as suas inspirações. Este tipo de naturalismo está determinado a levar em conta a investigação científica e o que pode ser apreendido e entendido através dela. Mas de forma alguma postula, ou mesmo supõe que não possa haver algo mais sobre a realidade humana e sobre o mundo no qual nos encontramos, com tudo o mais que isso abarca, exceto aquilo que as ciências da natureza são capazes de oferecer ou dizer. (SCHACHT, 2011, p. 39).

Acreditamos que, em contribuição ao que Schacht coloca, cabe lembrar a crítica de Nietzsche à pretensão da ciência de chegar ao “texto”, à realidade dos fatos, enquanto a epistemologia do perspectivismo, defendida pelo pensador alemão, sobretudo em *Além do bem e do mal*, nos permite chegar apenas a interpretações. De fato, Schacht está afastando Nietzsche de uma leitura científicista, ao afirmar que, por mais que as ciências possam ser úteis, não são capazes de apresentar uma pintura real e completa do efetivo.

Para o comentador, o ponto central para a compreensão do naturalismo de Nietzsche está no seu anúncio da “morte de Deus”, pois lá ele atesta a impossibilidade de se utilizarem explicações metafísicas que fujam deste mundo:

O tipo de naturalismo de Nietzsche, assim como seu tipo de filosofia, toma como seu ponto de partida o que ele resume na expressão “a morte de Deus” – isto é, o fim da plausibilidade, não só da ideia judaico-cristã de Deus, mas também de qualquer modalidade religiosa, metafísica ou moralmente imaginada de realidade “superior” ou “mais

² Schacht mantém o termo em alemão para ressaltar que, no contexto histórico de Nietzsche, *Wissenschaften* abrange não só as ciências naturais, mas disciplinas como a história e a linguística.

verdadeira” que seja subjacente ou transcendente ao mundo no qual nos encontramos e vivemos nossas vidas. (SCHACHT, 2011, p. 48).

Dessa forma, o naturalismo de Nietzsche, segundo Schacht, é marcado pelo abandono de qualquer explicação que necessite recorrer às entidades metafísicas e que fogem do mundo da vida; ou seja, ao buscar interpretar o mundo sem se utilizar de dogmas religiosos e sobrenaturais, Nietzsche já estaria “cumprindo uma agenda” naturalista. Nesse sentido, Schacht vai reiterar a insuficiência de uma abordagem mecanicista da efetividade, utilizando o exemplo da música que se analisada de forma puramente científico-natural, perde suas principais qualidades e atributos. Com efeito, o comentador afirma que existem dados e contribuições que não podem ser reduzidos à esfera biológica:

Mas ele também está bastante convencido que os fenômenos culturais humanos, embora enraizados fisiologicamente, constituem *Lebensformen* historicamente desenvolvidas, que diferem qualitativamente dos fenômenos biológicos e fisiológicos associados à sua geração e percurso formativo. (SCHASCHT, 2011, p. 61).

Vemos na passagem citada a afirmação de uma diferença qualitativa entre os fenômenos culturais e os fenômenos biológicos e fisiológicos. Não obstante, ainda que se possa atribuir a esses fenômenos culturais uma “geração e percurso formativo”, associados a fenômenos fisiológicos e biológicos, os primeiros diferem *qualitativamente* dos últimos. Para clarificar sua interpretação ele apresenta a noção de *sensibilidades* que:

(...) são configurações complexas de disposições, atitudes, crenças, valorações e tendências interpretativas. Elas são alimentadas (por assim dizer) por fontes afetivas e podem ser, em alguma medida, governadas por algum traço humano herdado, mas variável; mas elas também são fortemente inscritas na cultura, refletindo elementos das formações culturais a que se foi exposto e que foram internalizados. (SCHACHT, 2011, p. 67).

Dessa forma, mesmo que a esfera primária da efetividade seja formada por fontes afetivas (impulsos), estas se expressam através de sensibilidades. De tal maneira que: “Suas investigações destas sensibilidades em sua especificidade histórica (e ocasionalmente biográfica) são o grão para o

moinho de seu robusto naturalismo” (SCHACHT, 2011, p. 69). Com efeito, Schacht vai defender uma leitura de naturalismo amplo em Nietzsche, o qual não pode se reduzir a uma análise científico-natural, mas deve abranger também a esfera cultural das sensibilidades. De modo que conclui:

Sustento que, para Nietzsche, nenhum naturalismo é digno de ser levado a sério se ignora ou é inepto ao tratar da dimensão e o caráter da realidade humana que discute em termos de “sensibilidades” e daquilo que elas possibilitam. (SCHACHT, 2011, p. 72).

* * *

Vemos que na interpretação de Schacht pontos promissores são levantados, a exemplo da associação do naturalismo nietzschiano a um abandono das explicações extramundanas, centrado na noção de “morte de Deus”, bem como o afastamento do pensador alemão de uma agenda científicista e mecanicista. Contudo, o fato de que essa interpretação defende um salto qualitativo entre a esfera fisiopsicológica e a esfera cultural das sensibilidades que pode gerar problemas. Admitir tal diferença qualitativa implica em aceitar uma espécie de dualismo no pensamento nietzschiano. Além do mais, a existência de âmbitos qualitativamente distintos parece atentar contra a interpretação do mundo como vontade de poder, a qual está presente em obras significativas para uma interpretação naturalista de Nietzsche, como *Além do bem e do mal*. Segundo o que nos parece e tomando por base a apresentação da doutrina da vontade de poder feita por Müller-Later, na dinâmica das forças só pode haver um *quale*, ou seja, apenas uma qualidade, sendo a multiplicidade decorrente apenas das diferenças quantitativas³:

Enfim, a efetividade a que se refere a filosofia de Nietzsche é a da multiplicidade de vontades de potência, que diz respeito a antagonismos inter-relacionados, formando o mundo em tal relação. A vontade de potência é, na verdade, a qualidade comum ao que é quantitativamente distinto (conforme a potência). Contudo, não se pode reduzir esse traço comum à simplicidade de um princípio fundante: essa

³ Nesse sentido contribui o comentário de Araldi sobre a dinâmica das forças de Müller-Lauter: “Nesta interpretação dinâmica do mundo haveria apenas transmutações e especializações dessa vontade fundamental (*Grundwille*), que é sempre tensional, ao pressupor antagonismos, relações e graus de poder” (ARALDI, 2012, p. 109).

qualidade existe somente na pluralidade das diferenças quantitativas. (MÜLLER-LAUTER, 2011, p. 68).

Logo, podemos notar o problema que surge ao se apresentar uma diferença qualitativa entre o âmbito fisiológico/biológico e o âmbito das sensibilidades, pois em última análise eles devem ser redutíveis a *quantas* de força, dotados de uma qualidade apenas: a vontade de poder. Com efeito, a leitura de Schacht se mostra incompatível com umas das teses centrais do pensamento tardio de Nietzsche.

A leitura de Brian Leiter

Tendo visto a proposta de leitura naturalista de Nietzsche apresentada por Schacht, voltamo-nos doravante a outra interpretação divergente feita por Brian Leiter e presente, sobretudo, no artigo *O naturalismo de Nietzsche reconsiderado*. Nele o autor inicia a apresentação de sua posição criticando a definição de naturalismo feita por Janaway e também aceita por Schacht. A definição criticada toma como característica principal do naturalismo o abandono da esfera metafísica, ou seja, o fato de um pensador não se utilizar de elementos metafísicos e transcendentais em seu pensamento já o coloca como um naturalista. É justamente nesse sentido que Schacht se posiciona ao colocar a “morte de Deus” como ponto central do naturalismo de Nietzsche.

Leiter, no entanto, afirma que tal noção de naturalismo não é somente ampla, mas seria o que ele chama de “naturalismo de lista de lavanderia”. Com efeito, a proposta de naturalismo de Janaway seria tão ampla que não seria capaz de delimitar o que é uma proposta naturalista e, com isso, tal definição perderia a relevância. Dito isso, Brian Leiter defende que Nietzsche seria mais que um naturalista no sentido criticado, sendo um naturalista metodológico especulativo (Naturalista-M), “isto é, um filósofo que, como Hume, deseja ‘construir teorias que sejam modeladas nas ciências (...) tomando delas a ideia de que os fenômenos naturais possuem causas determinísticas’” (LEITER, 2011, p. 80). Ele assevera o aspecto especulativo de tal naturalismo, dada a incipiência das ciências naturais ao tempo de Nietzsche, o que propiciava pouca ou nenhuma base sólida para suas considerações e, conseqüentemente, deixando caminho aberto para a especulação.

De fato, Leiter afirma que Nietzsche, baseado em algumas evidências coletadas (suas observações próprias do comportamento humano, relatos de experiências pessoais contidas em textos filosóficos, literários e históricos, leituras sobre o desenvolvimento científico da época), busca explicar e compreender o comportamento humano de uma forma semelhante ao que Newton faz com relação ao movimento dos corpos.

Brian Leiter vai admitir que nem sempre a filosofia de Nietzsche seguirá esse programa naturalista rigorosamente; segundo ele o filósofo não possui apenas a pretensão de explicar o comportamento humano e os valores humanos de forma natural, mas também busca libertar os indivíduos capazes de uma moralidade decadente e dogmática. Em outras palavras, Nietzsche preocupa-se não só em explicar os valores, mas em criar novos valores. Para manter sua leitura do pensamento nietzschiano como Naturalista-M, Leiter vai apresentar uma divisão entre dois “Nietzsches” um comprometido com o naturalismo metodológico e outro que se utiliza de recursos retóricos para criar novos valores e afastar os valores decadentes:

Chamemos de “Nietzsche humiano” o Nietzsche que visa a explicar a moralidade em chave naturalista (no sentido já discutido), contrastando com o filósofo que chamaremos de “Nietzsche terapêutico”, que deseja fazer com que seus seletos leitores joguem fora os grilhões da moralidade (LEITER, 2011, p. 91).

Com essa curiosa divisão fica claro que Leiter está mais preocupado em encaixar Nietzsche em uma agenda naturalista, ainda que isso represente descartar elementos fundamentais de seu pensamento. Para justificar essa divisão Leiter vai propor uma analogia com Freud, pois na psicologia freudiana temos uma divisão entre a apresentação teórica e a terapia do paciente. Em outras palavras, uma coisa é, por exemplo, apresentar teoricamente a influência de um sentimento reprimido e outra é fazer com que o paciente, através de terapia, se torne consciente de tal sentimento. Logo, se em Freud tal divisão é possível, de mesma forma deve ser em Nietzsche. Eis a tese que Brian Leiter defende para que possa cindir o pensamento nietzschiano.

Com relação à esfera cultural e valorativa, que para Schacht é qualitativamente distinta da esfera natural, Leiter vai defender que subjacente a

uma valoração existe uma configuração psicofisiológica que a define, de modo que seria possível explicar a esfera cultural e valorativa através de fatos do tipo:

Um dos empreendimentos centrais de Nietzsche é, portanto, o de especificar os fatos relativos ao tipo – os fatos psicológicos e fisiológicos – que explicam como e porque moralidade essencialmente ascética ou “negadora da vida” pôde se apoderar de tantas pessoas ao longo dos últimos dois milênios. (LEITER, 2011, p. 98).

Vemos, dessa forma, como o comentador não vê empecilhos para que, a partir de uma análise fisiológica e psicológica, expliquem-se fatos culturais ou morais.

O último ponto a ser tratado da leitura naturalista feita por Leiter a respeito de Nietzsche é a questão da vontade de poder e de como ela deve ser tomada em uma interpretação naturalista do pensamento nietzschiano. A resposta de Leiter nesse sentido é simplesmente descartar a “metafísica da vontade de poder” (tal ele a denomina), apresentando com única escusa para tal a posição interpretativa seguinte:

Meu próprio interesse em Nietzsche não se restringe ao de um antiquário, já que, ao menos em parte, o interesse permanente em qualquer naturalista filosófico como Nietzsche deve se dar em função do quanto consegue tomar a natureza e os fatos corretamente, e deste modo ensinar-nos coisas importantes. (LEITER, 2011, p. 117).

Munido da tarefa de buscar aquilo que em Nietzsche pode nos ajudar a “tomar a natureza e os fatos corretamente”, Leiter vai se utilizar da divisão, antes apresentada, entre o Nietzsche humano e o Nietzsche terapêutico para eliminar a doutrina da vontade de poder de sua leitura; afirmando mesmo que, assim procedendo, estaríamos prestando um favor ao próprio filósofo:

De todo modo, podemos fazer um favor a Nietzsche, *o filósofo*, se reconstruirmos seu projeto humano em termos que sejam em maior parte reconhecidamente seus, e ainda, ao mesmo tempo, bem mais plausíveis, isso na medida em que a metafísica maluca da vontade de potência (segundo a qual toda matéria orgânica “é vontade de potência”) é eliminada. (Idem).

* * *

Quanto à colocação de Nietzsche como um naturalista metodológico, algumas considerações se fazem necessárias. Ora, a influência do método científico sobre o pensamento nietzschiano é algo que se faz notar, sobretudo, no período intermediário e tardio de seu pensar; de modo que apresentar Nietzsche como um naturalista metodológico pode se mostrar interessante.

Não obstante, é recomendável tomar certas precauções antes de endossar tal afirmação. Devemos ter em mente as ácidas críticas de Nietzsche à pretensão da ciência de seu tempo de buscar o “texto”, a “coisa em si”, desconsiderando a epistemologia perspectivista que o pensador propõe, a qual se assenta sobre a afirmação de que só existem interpretações:

Ni Dieu ni maître [Nem Deus, nem senhor] – assim querem vocês também: e por isso “viva a lei natural!” – não é verdade? Mas, como disse, isto é interpretação, não texto, e bem poderia vir alguém que, com intenção e arte de interpretação opostas, soubesse ler na mesma natureza, tendo em vista os mesmos fenômenos, precisamente a imposição tiranicamente impiedosa e inexorável de reivindicações de poder [...] Acontecendo de também isto ser apenas interpretação... (NIETZSCHE, 2007, p. 27).

Também não parece possível se pensar que Nietzsche defenda a existência de um só método adequado; primeiro por ele próprio se servir de uma abordagem em várias perspectivas. Não esqueçamos que o pensador alemão utiliza largamente análises históricas, psicológicas e fisiológicas em conjunto. cremos, contudo, que Nietzsche pode ser considerado um naturalista metodológico, se tal for compreendido com as devidas ressalvas. Nesse sentido, aderimos ao proposto por Rogério Lopes no texto *A ambicionada assimilação do materialismo*:

O que é valioso na cultura científica são os métodos, mas os métodos não são valiosos por se constituírem em um conjunto de regras ou procedimentos abstratos, mas pela disciplina dos impulsos que uma longa subordinação a eles acaba por produzir, combatendo assim os vícios epistêmicos que são incompatíveis com a responsabilidade filosófica (LOPES, 2011, p. 344).

A passagem ilustra a valorização do método científico na filosofia de Nietzsche, não propriamente pela sua capacidade de acessar a realidade dos fatos, o que sob a ótica do perspectivismo se torna inviável, mas por fomentar

uma disciplina dos impulsos que cria, no pensador, virtudes epistêmicas fundamentais, sendo a principal delas o exercício da suspeita. Outra influência positiva do método científico sobre Nietzsche é a defesa de uma economia de princípios explicativos, a qual culminará com a consciência do método, apresentada no § 36 de *Além do bem e do mal*, no momento em que o pensador defende uma causalidade da vontade:

Afinal, não é apenas lícito fazer essa tentativa: é algo imposto pela consciência do *método*. Não admitir várias espécies de causalidade enquanto não se leva ao limite extremo (– até ao absurdo, diria mesmo) a tentativa de se contentar com uma só: eis uma moral do método, à qual ninguém pode se subtrair hoje (NIETZSCHE, 2007, p. 40).

Não obstante, ainda que a proposta de interpretação de Nietzsche como naturalista metodológico seja viável, Brian Leiter vai admitir que nem sempre a filosofia de Nietzsche seguirá esse programa naturalista rigorosamente, fato que motiva a divisão, já mencionada, entre o Nietzsche humano e terapêutico. Isso nos leva ao que, cremos, seja o principal problema da leitura de Leiter, qual seja: a eliminação da vontade de poder. Não o criticamos, simplesmente, por cindir o pensamento nietzschiano e não obedecer a um método exegético de leitura, mas, sobretudo, por vermos a vontade de poder como a chave de leitura indispensável para que as mais significativas contribuições nietzschianas ao debate naturalista sejam valoradas.

Análise crítica: o diagnóstico de Bernard Williams

Com efeito, dada a análise das duas leituras previamente apresentadas, vimos que ambas apresentam dificuldades e que tampouco há consenso entre elas. Nesse sentido, vemos como oportuna a fala de Bernard Williams, na qual ele apresenta duas formulações básicas de naturalismo que, no entanto, apresentam sérias dificuldades por serem ou muito excludentes ou muito abrangentes:

Formulações de posição tendem a excluir coisas demais ou de menos. A posição exclui coisas demais se ela tenta, redutivamente, ignorar cultura e convenção; isso é equivocado mesmo em bases científicas, no sentido de que viver sob a cultura é uma parte básica da etologia dessa espécie. Ela exclui coisas de menos se inclui muitas coisas

que têm sido parte da autoimagem da moralidade, como certas concepções de cognição moral; uma teoria pouco contribuirá para a causa do naturalismo, nesse sentido, se aceitar enquanto característica básica na natureza humana a capacidade de intuir a estrutura da realidade moral. (WILLIAMS, 2011, p. 19).

Acreditamos que as leituras de Richard Schacht e Brian Leiter se enquadram perfeitamente às posições apresentadas por Williams. A proposta de Leiter coloca-se como uma posição que “exclui coisas demais”, visto que reduz toda sua análise ao método científico causal e determinista, ignorando contribuições relevantes de ciências do espírito, como a antropologia e a linguística. Já a proposta de Schacht claramente “exclui coisas de menos”, uma vez que conserva uma esfera qualitativamente diferente da natureza e, com isso, preserva, de certa forma, um dualismo. Williams nos diz:

A dificuldade é sistemática. Se uma psicologia moral “naturalista” tem que caracterizar a atividade moral em um vocabulário que possa ser igualmente aplicado a todo resto da natureza, então ela está comprometida com um reducionismo fisicalista que conduz claramente a um beco sem saída. Se o caso é descrever a atividade moral em termos que podem ser aplicados a outros domínios, mas não a todos os domínios, não temos muita ideia de quais termos devem ser esses, ou quanto “especial” admite-se que seja a atividade moral, em consonância com o naturalismo. Se estamos autorizados a descrever a atividade moral em quaisquer termos que pareça, suscitados por ela, então o naturalismo não exclui coisa alguma, e voltamos ao começo. (WILLIAMS, 2011, p. 19).

Vemos que a passagem citada corrobora o que foi dito antes. Leiter, embora defenda uma noção de naturalismo relevante, que visa explicar a tudo com um vocabulário aplicável a toda a natureza, acaba por se comprometer com um reducionismo fisicalista. Schacht, por outro lado, vai além do vocabulário aplicável à natureza quando apresenta a noção de sensibilidades, e mesmo que não se vincule a um reducionismo, extrapola a linguagem propriamente naturalista.

Outro ponto de suma relevância com relação às leituras em questão é a ausência da vontade de poder. Leiter expressamente exclui tal tema e Schacht o faz implicitamente, pois não o leva em conta em sua leitura. Deixar a vontade de poder de lado é um problema, não apenas pelo fato de ela ser um dos temas

centrais da filosofia nietzschiana, mas, principalmente por ser a vontade de poder, justamente, a chave de leitura para compreendermos o “naturalismo” de Nietzsche.

A vontade de poder como chave para o “naturalismo” de Nietzsche

Podemos encontrar significativas evidências textuais de que o filósofo não é seduzido por um reducionismo materialista. O abandono do pensar metafísico não está atrelado à afirmação ontológica de que tudo o que existe é natural. Vemos na seguinte passagem de *Além de bem e mal* uma importante tomada de posição, feita pelo autor ao tratar da “alma”⁴:

Permita-se designar com esse termo a crença que vê a alma como algo indestrutível, eterno, indivisível, como uma mônada, um *atomon*: essa crença deve ser eliminada da ciência! Seja dito entre nós que não é necessário, absolutamente, livrar-se com isso da “alma” mesma, renunciando a uma das mais antigas e veneradas hipóteses: como sói acontecer à inabilidade dos naturalistas, que mal tocam na “alma” e a perdem. Está aberto o caminho para novas versões e refinamentos da hipótese da alma: e conceitos como “alma mortal”, “alma como pluralidade do sujeito” e “alma como estrutura social dos impulsos e afetos” querem ter, de agora em diante, direitos de cidadania na ciência (NIETZSCHE, 2007, p. 19).

No fragmento citado podemos notar que, ao afastar o tratamento metafísico do *atomismo da alma*, Nietzsche não veda em absoluto que tal tema continue a ser tratado. Claro está que o pensador não acredita que para superar a diferença qualitativa entre ciências do espírito e ciências da natureza basta uma eliminação do âmbito das ciências do espírito; tal prática é vista por ele como uma *inabilidade*. De tal modo que, ao final, é demandado um “direito de cidadania” para algumas hipóteses refinadas de “alma”, o que representa, antes de mais nada, um convite, ou quase uma convocação, à ciência para que trabalhe, por exemplo, a questão da subjetividade fragmentada como “estrutura social de impulsos e afetos”.

⁴ É interessante pontuarmos que “alma” foi a tradução encontrada para o termo “Seele”, que também pode ser traduzido por psique ou mesmo mente. Estas possibilidades alternativas de tradução são valiosas para que seja afastada a carga semântica metafísica que o termo “alma” possui em português.

Com efeito, cremos que o debate metodológico representa apenas uma das facetas do pensamento “naturalista” de Nietzsche, sendo a interpretação do mundo como vontade de poder passagem obrigatória para se compreender sua real contribuição.

Primeiramente, é por meio de tal hipótese que o pensador alemão consegue propor uma cosmovisão monista, solucionando o problema de uma diferença qualitativa entre cultura e biologia. Esses dois âmbitos, com efeito, são tratados sob um único registro interpretativo, a vontade de poder, tese que já aparece no livro *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos* de Marton:

Nietzsche já vislumbra um único e mesmo procedimento tanto na vida social e psicológica quanto na fisiológica. O conceito de vontade de potência, servindo como elemento explicativo dos fenômenos biológicos, será também tomado como parâmetro para a análise dos fenômenos psicológicos e sociais; é ele que vai constituir o elo entre as reflexões pertinentes às ciências da natureza e as que concernem às ciências do espírito (MARTON, 2010, p. 50).

De tal sorte, que a vontade de poder se coloca como tese interpretativa abrangente, o que é reforçado por um dos títulos pretendidos à obra fundamental sobre tal tema, a qual restou inacabada: “A vontade de poder: tentativa de uma nova interpretação de todo o acontecer” (*Der Wille zur Macht. Versuch einer neuen Auslegung alles Geschehens*) (NF-1885,39[1]). A importância dessa cosmovisão para o projeto naturalista nietzschiano também é defendida por Araldi, no artigo *A vontade de potência e a naturalização da moral*:

Ele parece já estar assegurado nesse ponto da argumentação, de que “a própria vida é vontade de potência”. Ao aliar a psicologia à fisiologia no final do capítulo I, é reforçada a pretensão de dar conta dos problemas fundamentais da filosofia do futuro. Essa fisiopsicologia, vista como “morfologia e teoria da evolução da vontade de potência” (JGB/BM 23, KSA 5.38) seria o caminho promissor para a naturalização da moral (ARALDI, 2012, p. 107).

Não obstante, a interpretação do mundo como vontade de poder substancializa a economia de princípios apregoada pela consciência do método, antes apresentada. Ao levar a causalidade da vontade a suas últimas

consequências, Nietzsche está observando a moral do método que ele mesmo defende e que serve mesmo de argumento em favor de sua classificação como um naturalista metodológico. Cremos, portanto, que Nietzsche não só contribui para o debate naturalista enquanto defensor das virtudes epistêmicas decorrentes do método científico, mas o faz, sobretudo, ao apresentar uma tese interpretativa capaz de trabalhar cultura e fisiologia sob um único registro.

Por óbvio, um estudo da vontade de poder e de sua capacidade para ser trabalhada como modelo explicativo naturalista se faz necessária; estando, não obstante, além do pretendido pelo presente artigo. O ponto que aqui pretendemos defender é que se tal doutrina é promissora enquanto modelo explicativo e serve de chave para interpretar o “naturalismo” de Nietzsche, descartá-la, seja expressa ou tacitamente, é um equívoco.

Referências Bibliográficas

- ARALDI, Clademir Luís. A vontade de potência e a naturalização da moral. In: *Cadernos Nietzsche*, n. 30, São Paulo: 2012, p. 101-120.
- LEITER, Brian. O naturalismo de Nietzsche reconsiderado. In: *Cadernos Nietzsche*, n. 29, São Paulo: 2011, p. 77-126.
- LOPES, Rogério. “A ambicionada assimilação do naturalismo”: Nietzsche e o debate naturalista na filosofia alemã da segunda metade do século XIX. In: *Cadernos Nietzsche*, n. 29, São Paulo: 2011, p. 309-352.
- MARTON, Scarlett. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. São Paulo: Anna Blume, 2009.
- _____. *Nietzsche, sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Trad. Clademir Araldi. São Paulo: Editora UNIFESP, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- _____. *Friedrich Nietzsche – Sämtliche Werke 15 Bände. Kritische Studienausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter, 1992.
- SCHACHT, Richard. O naturalismo de Nietzsche. In: *Cadernos Nietzsche*, n. 29, São Paulo: 2011, p. 35-75.
- WILLIAMS, Bernard. A psicologia moral minimalista de Nietzsche. In: *Cadernos Nietzsche*, n. 29, São Paulo: 2011, p. 15-33.

Data de Recebimento: 10/05/2013

Data de Aprovação para Publicação: 20/07/2013